

SOPHIA LOREN

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

A minha vida

Tradução
Eliana Aguiar

1ª edição


BestSeller

Rio de Janeiro | 2014

*Aos meus quatro netos,
o grande milagre da minha vida*

Sumário

	<i>Prólogo</i>	9
I	Sofia Palito	13
II	A oficina dos contos de fada	33
III	O homem ideal	51
IV	Quem é aquela <i>piccerella</i> ?	71
	<i>Interlúdio</i>	91
V	Mambo	93
VI	As rosas de Cary	111
VII	Uma mãe de Oscar	145
VIII	La dolce vita	163
IX	Matrimônios	185
	<i>Interlúdio</i>	203
X	Estrelas	205
XI	Chegadas e partidas	223
XII	Dezessete dias	247
XIII	O sorriso da Mona Lisa	265
XIV	Voltando para casa	287
XV	Vozes	307
	<i>Epílogo</i>	323
	<i>Índice onomástico</i>	325
	<i>Créditos de fotos</i>	333

Prólogo

A campainha continua a tocar, enquanto acabo de preparar os últimos *struffoli*. Corro para abrir a porta com as mãos sujas de farinha, limpando-as de qualquer jeito no avental.

O florista esboça um sorriso, quase escondido atrás de um gigantesco buquê de bicos-de-papagaio.

– É para a senhora, dona Sophia. Agora é só botar seu autógrafo aqui...

Por um instante o selo no laço que envolve o buquê me leva até a Itália e me emociona. Coloco a planta em um móvel e abro o cartão. São votos de afeto e alegria.

Os gritos das crianças, recém-chegadas da América para as festas de fim de ano, enchem a casa de uma adorável confusão. Amanhã é véspera de Natal. Finalmente estaremos todos juntos, mas a verdade verdadeira é que não me sinto pronta. Como vou fazer para que caiba todo mundo na mesa? E para fritar a tempo todos os *struffoli*?

O mundo gira ao meu redor num turbilhão e não sei como detê-lo. Estou me sentindo meio perdida, como se tudo estivesse escapando do meu controle. Volto à cozinha em busca de certezas, mas não encontro. Passo para a sala de jantar, esperando melhor sorte. A mesa! Sim, a mesa de amanhã. Quero vê-la resplandecente, cheia de cor. Num impulso de inspiração, pego os copos

de cristal, arranjo pratos e talheres, dobro com todo cuidado os guardanapos, divirto-me designando os lugares de cada um.

Nasci sob o signo de Virgem e, em geral, consigo exasperar até a mim mesma com um perfeccionismo levemente obsessivo. Mas hoje, não, hoje me parece que a desordem vai levar a melhor sobre tudo isso. Recomeço, tentando controlar a emoção. Vejamos: dois, quatro, oito, mais cinco, treze, mais quatro, dezessete... não, dezessete, não! Preciso contar de novo.*

Carlo sorri numa foto em cima da cômoda, aquele sorriso especial do dia do nosso casamento. Nunca esquecerei a primeira vez em que senti aqueles olhos sobre mim, muitos anos atrás, num restaurante que dava para o Coliseu. Eu, pouco mais que uma menina, ele um homem feito. O garçom se aproxima trazendo o bilhete com o qual o “Produtor” demonstra que notou minha presença. Depois, o passeio no jardim, as rosas, o perfume de acácia, o verão chegando ao fim. O início da minha aventura.

Toco a poltrona verde onde ele adormecia lendo o jornal. Sinto um pouco de frio, amanhã preciso me lembrar de acender a lareira. Por sorte, Beatrice chega para afastar a saudade.

– Vovó Sophia, vovó Sophia! – É a mais nova dos meus netos, muito loura e determinada. Atrás dela, enfileiram-se os outros, como pequenos apaches numa missão diplomática: é hora de ir para a cama, mas eles não querem saber de dormir. Olho para eles, que sorriem para mim, e fazemos um acordo.

– Que tal vermos um filme?

Sentamos todos juntos diante da TV. Entre gritos de alegria, começa a guerra pela escolha do desenho animado. No final, *Carros 2*, o sucesso do momento entre a criançada, vence a disputa.

– Vovó, faz a Mamma Topolino para a gente?

* Na Itália considera-se que o número dezessete traz má sorte, como acontece no Brasil com o treze. (*N. da T.*)

– *Hê, hê, vou preparar uma coisinha pra você* – recito minha fala fazendo caretas engraçadas.

– De novo! De novo! Por favor, vovó, de novo!

Eles ficam loucos ao ouvir minha voz na boca de um carrinho. Quem poderia prever tanto sucesso quando aceitei, com um pouco de hesitação, a proposta de fazer aquela estranha dublagem! Pouco a pouco, Vittorio e Lucia, Leo e Beatrice se deixam hipnotizar pelas imagens e caem no sono, antes mesmo que o filme chegue ao fim. Cubro as crianças com uma manta e olho o relógio, pensando no dia seguinte. Começou a nevar, mas, na confusão, nem percebi. As chegadas e partidas são sempre momentos especiais, que fazem girar o carrossel das lembranças.

Quando penso na minha vida, às vezes me parece impossível que seja tudo verdade. Um dia desses, penso comigo, vou acordar de manhã e perceber que tudo não passou de um sonho. Mas devo dizer que não foi nada fácil. Certamente, foi maravilhoso e foi difícil, mas sem dúvida valeu a pena. O sucesso tem um peso que temos de aprender a administrar.

Ninguém pode ensinar isso, pois a resposta, como sempre, está dentro de nós.

Volto para o quarto na ponta dos pés. É gostoso ficar um pouco sozinha. Bem sei que é só parar um instante para reencontrar o ritmo sereno do coração e restabelecer o meu ritmo.

Assim que entro, noto que ainda estou de avental. Trato de tirá-lo, descalço os sapatos e caio na cama: a revista ainda está aberta no mesmo lugar em que a deixei pela manhã. Nestas últimas noites, a emoção de voltar a abraçar meus filhos me tirou o sono – e, sem sono, fico perdida.

– Boa noite! – grita Ninni. – Tente dormir!

Ninni, Ninni... está conosco há quase cinquenta anos. Cuidou de Carlo Jr. e de Edoardo, cuidou de mim e agora, quando eles aparecem por aqui, cuida dos pequenos apaches com o entusiasmo de sempre. Às vezes me pergunto onde encontra paciência para nos aturar.

– Já estou dormindo – minto, para tranquilizá-la. Na verdade, continuo deitada ali, com os olhos bem abertos grudados no teto.

Enquanto me acalmo, os pensamentos voam para longe. Será que as crianças vão gostar dos meus *struffoli*? Os de tia Rachelina, lá em Pozzuoli, eram muito melhores. Mas assim não vale: os sabores da infância sempre vencem qualquer comparação.

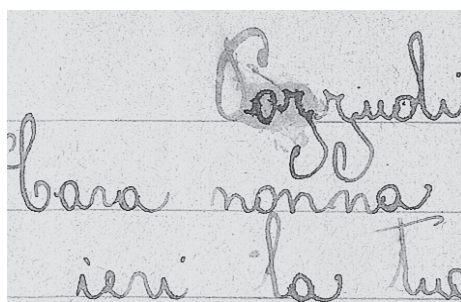
Meio sobressaltada, como acontece quando deslizamos lentamente da realidade para outro mundo, feito de sonhos ou recordações, não consigo ficar quieta. Visto o roupão e vou para o escritório, no fundo do corredor. Fazer o quê, não sei. Olho para a estante, ajeito os livros, os bibelôs, as fotos, os pesos de papel. Agitada, como se procurasse alguma coisa. Já estou começando a me irritar quando descubro, no fundo da prateleira, uma caixa de madeira escura. Reconheço aquela caixa imediatamente: num segundo, cartas, telegramas, bilhetes, fotografias deslizam diante dos meus olhos. Era isso, era esse o fio vermelho que guiava meus passos naquela fria noite de inverno.

É o meu baú de segredos e, de repente, sinto um aperto no coração. Tenho a tentação de deixá-lo onde está. Muito tempo se passou, muitas emoções. Mas resolvo pegá-lo, tomo coragem e volto lentamente para o quarto.

Talvez seja este o meu presente de Natal. Só me resta abri-lo.

I

SOFIA PALITO



VOVÓ-MAMÃE E MÃE-MÁEZINHA

Abro um envelope com a inscrição “Vovó” e revejo minha silhueta magrela, a boca grande demais sob os olhos amarelos, a expressão surpresa. Não consigo conter um sorriso diante de minha caligrafia de menina e, num segundo, retorno a Pozzuoli, à minha infância tão árdua. Há certas coisas que não conseguimos esquecer, mesmo querendo.

Era uma cartinha na qual eu agradecia à minha avó Sofia pelas trezentas liras que ela me mandara da parte de seu filho, Riccardo Scicolone. Meu pai conseguia ser ausente até por carta. Vovó Sofia era uma mulher fria e distante, que só vi uma vez. No entanto, escrevi aquela carta para contar que o dia de minha primeira comunhão e crisma tinha sido o mais bonito da minha vida, que “dindinha” tinha me dado uma pulseirinha de ouro e, também, que tinha passado “para a quinta série, com as melhores notas”. Em suma, dizia aquilo que qualquer avó gostaria de ouvir, fazendo de conta que ela estava interessada, que me queria bem. Cheguei ao ponto de pedir que agradecesse a meu pai pelo presente.

Não sei quem me incentivou a escrever. Talvez vovó Luisa, que mesmo nas situações mais difíceis insistia nas regras da boa educação. Ela, que me recebeu em sua casa com minha mãe quando eu tinha só alguns meses, sempre me quis bem de verdade; um bem simples e caloroso, cheio de cuidados. Mas talvez tenha

sido minha mãe, que usava qualquer pretexto para se aproximar de meu pai, na esperança de reconquistá-lo, recorrendo a todas as artimanhas possíveis e imagináveis. No fundo, era só uma moça cuja juventude tinha sido roubada. Pensando bem, não é por acaso que sempre chamei meus avós Domenico e Luisa de “papai” e “mamãe”, enquanto minha mãe era simplesmente “mãezinha”.

Quando era mocinha, minha mãe, Romilda Villani, irradiava charme e era cheia de talentos. Não se interessava muito pela escola, mas tocava piano muito bem e, graças a uma bolsa de estudos, conseguiu entrar para o Conservatório de Nápoles San Pietro, em Majella. No prova final apresentou *La campanella*, de Liszt, diplomando-se com mérito e louvor. Meus avós, apesar das dificuldades econômicas, compraram um piano de meia-cauda, que reinava soberano no pequeno salão de casa. Mas seus sonhos iam bem mais longe, talvez justamente por causa daquela sua beleza inquieta.

Deixou-se levar pela ilusão de um concurso da Metro Goldwyn Mayer, o grande estúdio cinematográfico. Estavam procurando uma sósia de Greta Garbo, a rainha das estrelas de cinema, em toda a Itália. Romilda, que só tinha dezessete anos, não perdeu tempo e, escondida dos pais, apresentou-se diante do júri, certa de que poderia vencer. E tinha razão: como num conto de fadas, venceu o concurso e ganhou uma passagem para Hollywood. Mas seus pais, Domenico e Luisa, não quiseram saber de discussão: nada de viagem! Além do mais, a América ficava realmente do outro lado do mundo.

Reza a lenda que os diretores da MGM foram à sua casa pessoalmente para tentar convencê-los, mas saíram com o rabo entre as pernas, incrédulos e decepcionados. O prêmio passou para a segunda colocada, e Romilda jamais perdoou os pais. Na primeira oportunidade, saiu de casa para seguir seus sonhos: Roma

e Cinecittà. Queria tudo a que tinha direito, custasse o que custasse.

Mas havia uma coisa que a jovem Garbo de Pozzuoli não levou em conta: a imprevisibilidade do amor. O encontro fatal com Riccardo Scicolone Murillo aconteceu na rua, mais precisamente na via Cola di Rienzo, numa noite do outono de 1933. Ele era bonito, alto, elegante e sabia se apresentar. Ficou impressionado com a beleza daquela moça em busca de glória e, para conquistá-la, não encontrou nada melhor do que encorajá-la, inventando uma posição no mundo do cinema que na verdade não tinha. Ela, que já conhecia bem as longas filas de aspirantes a figurantes, quase não acreditou que, finalmente, havia encontrado o seu príncipe.

Riccardo tinha vinte anos, algum dinheiro e uma família de origem nobre. Depois de uma tentativa fracassada de ser engenheiro, tinha um trabalho precário como técnico na estatal Ferrovie dello Stato, trajeto Roma-Viterbo. Pouco depois, a paixão levou os dois a um pequeno hotel no centro, onde passaram longas noites de amor. Mas eis que, de repente, eu apareço para estragar a festa. Diante da notícia da gravidez de Romilda, Riccardo vacilou e, pouco a pouco, o romance esfriou. Eu não fazia parte dos projetos de vida dele, assim como minha mãe também nunca fez.

Em defesa da filha, vovó Luisa abalou-se para Roma, exigindo o matrimônio reparador. Riccardo parecia quase convencido, mas um detalhe banal atrapalhou tudo: ele não tinha recebido o sacramento da crisma e remediar isso era mais complicado do que parecia. O casamento não aconteceu, mas meu pai me deu, querendo ou não, seu sobrenome e uma gota de sangue azul. É paradoxal pensar que nunca tive um verdadeiro pai, mas em compensação posso ostentar o título de viscondessa de Pozzuoli, fidalga de Caserta, título dado pela família Hohenstaufen, marquesa de Licata Scicolone Murillo.

UM BAÚ DE SABEDORIA E POBREZA

Nasci em 20 de setembro de 1934, magra e feiosa, na ala de mães solteiras da clínica Santa Margherita de Roma. Como costume dizer, recebi como dote um baú de sabedoria e pobreza. Minha mãe insistia o tempo todo para que me pusessem logo a pulseirinha, tinha pavor de que me trocassem no berçário. Por um momento, Riccardo, sem perspectivas de estabilidade e cheio de dúvidas, teve esperanças de que sua mãe, Sofia, nos recebesse. Romilda ainda tentou agradá-la batizando-me com seu nome, porém, mais uma vez, foi inútil. Ele resolveu alugar um quarto para nós em uma pensão e durante algumas semanas vivemos juntos, como uma família. Ou quase.

Infelizmente, faltava dinheiro, faltavam condições — faltava tudo. Meu pai era arrogante demais para aceitar um trabalho qualquer, mas não possuía os documentos necessários para os trabalhos que ambicionava. O leite de minha mãe secou, e ela começou a temer seriamente por minha saúde. O temor transformou-se em certeza no dia em que me deixou aos cuidados da dona da pensão e saiu para procurar trabalho. Quando voltou, encontrou-me à beira da morte: a senhora, talvez com a melhor das intenções, tinha me dado uma colherinha de lentilhas que estava me levando para o outro mundo. E Riccardo? Desapareceu, é claro.

Romilda fez a única coisa que podia fazer. Arranjou um jeito de comprar uma passagem de trem para Pozzuoli e voltou para casa. Sem dinheiro e sem marido, com uma recém-nascida moribunda nos braços e carregando nas costas uma “culpa” que tinha manchado a reputação da família, com certeza não estava em uma situação invejável. Como seria recebida pelos Villani? Desesperada, temia ser rejeitada por eles também. Quem abriu a porta foi vovó Luisa. Bastou um olhar para que escancarasse a porta e nos abraçasse, como se nunca tivéssemos saído de lá. Pegou o licor, os copos de festa e, depois de um brinde cheio de emoção, começou a cuidar do meu caso.

– Esta menina precisa de uma ama de leite – sentenciou, sem perda de tempo.

Chamaram a babá Zaranella, conhecida em toda a Campânia. Para a minha sobrevivência, os Villani fizeram uma promessa a San Gennaro e renunciaram à carne durante meses: ela ia toda para Zaranella, que a devolveria na forma de um leite rico e nutritivo.

Ninguém reclamou do sacrifício: nem papai Mimì, tampouco tio Guido, tio Mario e tia Dora. A união faz a força sempre foi o lema da família.

Mas o leite de Zaranella não foi suficiente para restabelecer minha saúde. “A menina não está nada bem”, sentenciou o médico, auscultando meu peito atormentado por uma tosse compulsiva. “O ar da montanha lhe faria muito bem.”

E foi assim que vovó Luisa se organizou para deixar o pequeno apartamento à beira-mar e mudar-se com toda a família para a parte alta de Pozzuoli, na via Solfatara. Foi a escolha certa. O primeiro passeio no frescor do fim de tarde foi suficiente para devolver um belo sorriso ao meu rosto abatido. “Está salva!”, disse minha avó e, finalmente tranquila, pôde retomar suas preocupações cotidianas.

Domenico, um homem pequeno e forte, era chefe de departamento na fábrica de munições de Sansaldo, que em poucos anos transformaria Pozzuoli em alvo privilegiado de terríveis bombardeios. Trabalhava muito, demais para a idade, e só voltava para casa de noite, exausto. Tudo que queria era seu jornal e um pouco de tranquilidade. Mas encontrava uma grande família, sempre tumultuada, que mamãe Luisa administrava como podia, com força de vontade e muita imaginação. Os dois rapazes trabalhavam na fábrica, mas em postos temporários, e tia Dora era datilógrafa. No entanto, somados todos os salários, o dinheiro não dava nem para colocar um jantar na mesa toda noite.

De fato, mais que o pão e talvez mais até que o amor, o ingrediente principal da cozinha de minha avó era a imaginação. Lem-

bro-me de sua massa com feijão, que borbulhava alegremente em nossa pequena cozinha, espalhando no ar o perfume do refogado com lardo picado, quando tinha. Era o cheirinho de casa, da família, que nos protegia e defendia das bombas, da morte, da violência. Ainda hoje esse cheiro me traz lágrimas aos olhos. E lembro também da *farinella*, da massa com abóbora, da *panzanella*, das castanhas secas cozidas... Uma cozinha pobre, feita de quase nada. No entanto, comparada com a fome que a guerra iria provocar, era um banquete digno de um rei, sobretudo no final do mês, quando metade do pagamento do meu avô Mimì ia parar diretamente no ragu de Luisa. Uma delícia impossível de esquecer.

O edifício da via Solfatara tinha uma entrada de mármore vermelho, de uma tonalidade belíssima, que não ficava devendo nada às grandes mansões hollywoodianas que eu conheceria mais tarde. Um vermelho quente, alaranjado, muito napolitano. Quando o vi de novo, anos depois, pareceu muito diferente, com tristes nuances arroxeadas. Talvez tenha sido o tempo, talvez as feridas da guerra, talvez os meus olhos mais fracos.

O apartamento era pequeno, mas se abria como uma sanfona para abrigar todo mundo, pois a família continuava a aumentar. Minha mãe tocava nos cafés e *trattorias* de Pozzuoli e Nápoles para ganhar algum dinheiro. E de vez em quando conseguia juntar dinheiro para ir a Roma, onde encontrava Riccardo. Foi assim que um belo dia apresentou-se toda trêmula diante dos pais, anunciando que estava grávida de novo.

– Claro, “por cima da ferida, Deus joga sal” – respondeu Domenico, conformado diante da falta de juízo daquela filha teimosa e indomável.

Dessa vez, o jovem Scicolone não caiu na armadilha da chantagem e não quis nem saber de nós. Minha irmã nasceu Maria Villani, em 1938, e ainda conservaria este sobrenome por muito tempo.

A primeira vez que revi meu pai foi por volta dos cinco anos. Para obrigá-lo a vir, minha mãe teve a ideia de mandar um tele-

grama dizendo que eu estava muito doente. Assim, sempre no seu ritmo, ele apareceu um dia trazendo um lindo carrinho de pedal azul-celeste com rodas vermelhas, com meu apelido gravado em um dos lados: Lella. Fiquei tão emocionada com o encontro que não consegui nem encará-lo nos olhos; no entanto, para mim, meu pai continuava a ser Domenico, e ninguém nunca poderia roubar seu lugar. De vez em quando, pergunto aos meus botões se Riccardo ficou chateado. Mas, a bem da verdade, aquele carrinho permanece guardado em meu coração até hoje.

Outra vez, trouxe um par de patins, com o qual eu deslizava feito uma flecha pelo corredor. Minha irmã me perseguia o dia todo com pedidos de empréstimo, e eu, a sádica irmã mais velha, só emprestava logo depois de lubrificar as rodinhas. Quantos tombos levou a pobre Maria!

Nesse ínterim, eu ia vivendo a vida como podia, escondida por trás do fino, mas persistente véu da timidez. Sei que é difícil de acreditar, mas eu era realmente tímida, talvez até por causa da nossa condição. Meu pai não aparecia, e minha mãe era loura demais, alta demais, cheia de vida e, sobretudo, solteira. Sua beleza excêntrica e exagerada me deixava constrangida. Sonhava com uma mãe normal, que transmitisse segurança, com cabelos escuros, avental sujo, mãos gastas e olhos cansados. Como vovó Luisa ou como Antonietta, a quem emprestei meu rosto em *Um dia muito especial*.

Pedia a Deus que Romilda não viesse me buscar na porta da escola, porque ficava com vergonha das colegas. No colégio de freiras onde eu estudava, entrava na sala antes ou depois de todo mundo. Tinha medo que zombassem de mim. Como todos sabem, crianças podem ser muito malvadas. Era organizada e diligente, cumpria meu dever como um soldadinho, mas não me sentia à vontade entre as pessoas. Também porque era bem escura e muito magra, e todos me chamavam de “Palito”.

Mas eu tinha uma amiga, uma verdadeira amiga, que me acompanhou pela vida inteira. Ela não está mais aqui e, ao partir, levou consigo a minha infância e todos os seus sabores, bons e maus. Seu nome era Adele, e vivia no mesmo andar que eu. Assim que acordávamos, nos encontrávamos nas escadas e ficávamos juntas até de noite. Depois do ensino elementar, a escola nos afastou — ela iria para o curso preparatório e eu, para o magistério —, mas nada conseguiu nos separar de verdade.

Sua família era um pouco menos pobre ou talvez apenas menos numerosa que a nossa. E, assim, ela sempre ganhava uma boneca de aniversário, que partilhava comigo. Minha avó, ao contrário, dizia que a Befana havia deixado um carvão para mim, pois eu não tinha me comportado bem.*

Mas olhava para mim com tanta ternura que eu sabia que não era verdade: o problema tinha sido, mais uma vez, o dinheiro.

Com a guerra, a fome tornou-se mais dura: muitas vezes não conseguia resistir ao perfume exalado pela cozinha de Adele e me aproximava cheia de esperança. Algumas vezes, não muitas, sua mãe me convidou para almoçar.

Quando voltei a Pozzuoli para filmar um “especial”, muitos anos depois, pedi que a convidassem. A partir daquele momento, não nos deixamos mais, até o dia em que ela não respondeu a meu telefonema. Era meu aniversário, um dos mais tristes que tive. Adele teve uma apoplexia e estava presa a uma cadeira de rodas. Chorava em silêncio quando suas filhas falavam de mim, de nós, de nossa vida de meninas.

* * *

* Na festa da Epifania ou dos Reis Magos, em 6 de janeiro, é costume na Itália distribuir presentes para as crianças que se comportaram bem e um carvão para as que se comportaram mal. A Befana, uma velha feia, mas bondosa, é a personagem encarregada dessa missão. (*N. da T.*)

Na escola, eu era fascinada pelas orfãzinhas, que as irmãs sempre colocavam nas últimas filas, justamente para mostrar como eram infelizes. Eu sentava bem na frente delas, como se me colocasse no meio do caminho entre sua desgraça e uma normalidade que não possuía. Na época, queria muito visitar o orfanato anexo ao convento, mas para chegar lá teria de passar por uma grande escadaria, absolutamente proibida às outras alunas.

As irmãs eram severas e me davam medo, embora sempre tenham me olhado com certa compaixão. Na hora das punições, mandavam que estendêssemos as mãos para a palmatória: as minhas nunca sequer foram tocadas.

Era tímida, é verdade, mas gostava de andar contra a corrente. Quando anunciei solenemente para minha avó Sofia que tinha feito a primeira comunhão, eu já tomara a comunhão um bom tempo antes, no maior segredo e por conta própria. Fui à igreja, entrei na fila, ajoelhei diante do padre e, abaixando os olhos, respondi amém. Quando voltei para casa e contei minha façanha à vovó Luisa, certa de que ficaria orgulhosa de ter uma netinha santa, ela ficou horrorizada:

– O que você fez, o que fez! – gritou, desesperada com aquela transgressão mais ou menos inconsciente.

Na verdade, o gesto não era mais do que um modo instintivo de tentar me aproximar de Deus. E até hoje procuro por Ele, encontrando-O nos lugares mais impensáveis.

AQUELAS NOITES NA GALERIA

Eu tinha seis anos quando a guerra começou e onze, quando terminou. Meus olhos estavam cheios de imagens que nunca mais conseguiria apagar. Quando penso nas minhas primeiras lembranças, relembro as bombas, o som da sirene antiaérea, as físgadas da fome. E também o frio e a escuridão mais escura. De vez

em quando, de repente, sinto aquele medo. Parece incrível, mas durmo de luz acesa até hoje.

Primeiro chegaram os alemães, que no começo eram nossos aliados. De manhã, passavam marchando na rua, altos, louros, com os olhos azuis, e eu observava pela janela, fascinada, dividida entre o medo e a excitação. Para os meus olhos de menina, não pareciam maus nem perigosos, mas meus avós, cujas conversas às vezes eu ouvia sem querer, falavam de judeus e de deportações, de torturas e unhas arrancadas, de represálias e traições, e pareciam ter uma imagem bem diferente deles. Sem saber o que pensar, corria até a cozinha e perguntava aos dois, mas eles negavam: “Não falamos nada disso”, afirmavam impassíveis.

A verdade é que estávamos no olho do furacão e não ia demorar para que isso ficasse bem claro. Pouco a pouco, tudo parou — a escola, o cine-teatro Sacchini, os concertos da banda na praça: tudo, menos as bombas.

Nápoles representava um alvo fundamental para os Aliados: era um dos portos mais importantes do Mediterrâneo, no centro das rotas para o norte da África. Além disso, hospedava parte da nossa frota nos portos de Taranto e de La Spezia. Ao redor da cidade havia uma concentração industrial importante, que tornava a região ainda mais estratégica: Baia Domizia, Castellamare di Stabia, Torre Annunziata, Pomigliano, Poggioreale, Bagnoli e, não menos importante, a nossa Pozzuoli. Se no início da guerra os ataques visavam objetivos militares, depois de certo ponto as bombas começaram a cair como um tapete sobre toda a cidade e sobre a costa. Demorei um pouco para entender que os rastros deixados pelas bombas no céu não tinham nada a ver com os fogos de artifício da festa da Madonna de Pompeia. Casas e escolas, igrejas e hospitais, hotéis e mercados foram atingidos. Lembro-me de tudo isso como se fosse ontem.

Assim que soava a sirene, corríamos buscando abrigo no túnel da estrada de ferro, no trecho Pozzuoli-Nápoles. A estrada de

ferro era um objetivo sensível, como todas as vias de comunicação, mas aquele túnel era para nós um lugar protegido.

Levávamos colchões que eram estendidos sobre o cascalho, ao lado dos trilhos. Ficávamos amontoados no centro do túnel — era perigoso ficar perto da saída — e nos preparávamos para passar a noite, que podia ser úmida e fria ou abafada, sem um fio de ar, mas sempre infestada de ratos e baratas, assolada pelo estrondo dos aviões, pela angústia de não sair vivo dali.

No túnel, todos dividiam o pouco que tinham, encorajavam-se mutuamente, choravam e tentavam dormir, brigavam, e houve até alguns partos. Todos juntos, uns sobre os outros, gritando, dando e recebendo consolo, esperando que aquele pesadelo chegasse ao fim. Ao amanhecer, por volta das quatro e meia, saíamos apressados para não sermos pegos de surpresa pelo primeiro trem.

Muitas vezes os bombardeios começavam de repente — a sirene nem sempre funcionava —, e eu ficava tão assustada que, em vez de me vestir, tirava a roupa. Aconteceu muitas vezes ser surpreendida pelos primeiros aviões ainda em casa e nua. Junto com minha mãe, corria desabaladamente para o abrigo, mas uma noite um estilhaço de bomba feriu meu queixo. Cheguei ao túnel aterrorizada e sangrando: não era nada grave, mas ficou uma cicatriz que durante alguns meses renderia um monte de comida de presente.

A fome foi o tema dominante da minha infância.

Às vezes, quando saíamos do túnel, minha mãe nos levava para o campo, nos arredores de Pozzuoli, onde ficavam as grutas dos pastores. Passávamos na casa de um amigo do meu tio que nos dava um copo de leite fresco, *'a rennetura*, isto é, tirado logo depois de o bezerro mamar, mais denso que o normal. Era amarelado como manteiga e compensava dias e dias de jejum. Sim, porque quanto mais a guerra avançava e os bombardeios se intensificavam, mais escassos eram os alimentos e a água. Os racio-

namentos não eram suficientes, os transportes estavam bloqueados, as bombas destruíam as tubulações de água. A população estava reduzida à miséria.

Vovó Luisa me mandava fazer compras no armazém da Sra. Sticchione, onde tínhamos uma espécie de conta aberta, anotada num pedaço do papel marrom que ela usava para embrulhar o pão. No dia três de cada mês o dinheiro acabava, e ela nos vendia a crédito, murmurando acidamente com seus botões: “Lá vêm eles de novo.”

A bem da verdade, estávamos todos no mesmo barco. Eu comprava oito grãos de café numa colherinha, uma *cuppetielle*, que vovó moía e usava para “disfarçar” a cevada. E também meio quilo de pão, com uma pequena *pagnottella*, *’a jonta*, um pãozinho de brinde que nunca chegava em casa, comido por mim, que não resistia à fome. Minha avó perguntava “Cadê a *pagnottella*?”, mas preferia não se zangar. Ela me amava profundamente e sofria demais por me ver sofrer.

Com o tempo, não havia mais compras, nem dinheiro, nem provisões. Havia dias em que não comíamos nem uma migalha. Numa belíssima cena de *Os quatro dias de Nápoles*, de Nanni Loy, um dos pequenos protagonistas se lança sobre um pãozinho com uma voracidade desesperada, na qual me reconheço ainda hoje a menina que fui. Aqueles quatro famosos dias do final de setembro de 1943, nos quais Nápoles se rebelou contra os alemães, foram o auge de um período terrível, mas marcaram a aurora de um novo dia.

Alguns meses antes, quando os bombardeios sobre Pozzuoli ficaram insustentáveis, recebemos ordens de evacuar a cidade. Sem alternativas, procuramos refúgio em Nápoles, na casa de parentes de vovó Luisa: a família Mattia. Meus tios Guido e Mario, que conseguiram escapar do recrutamento para o front, saíram de seus esconderijos e partiram conosco, mas passaram maus

bocados no trem: a certa altura, os alemães entraram no nosso vagão e faltou muito pouco para que fossem pegos. Num segundo, duas freiras que dividiam o compartimento conosco esconderam os dois debaixo do hábito, salvando-os. Mais tarde, o fato se transformou numa espécie de lenda, de piada da família. Mas na época não havia nada para rir, apenas uma enorme gratidão para com aquelas duas mulheres que arriscaram a pele por dois desconhecidos.

Os Mattia nunca foram muito acolhedores. Não tiveram coragem de nos expulsar, mas nos receberam em casa com certa má vontade. Eu estava reduzida a um esqueleto, Maria tinha contraído tifo — que, aliás, grassava por toda a cidade.

Minha mãe esmolava comida para nós, mas nem sempre conseguia alguma coisa. Trazia uma batata, um punhado de arroz ou aquele pão preto, cuja casca era duríssima, que depois grudava na faca porque o interior era úmido e pastoso. Nós, meninas, ficávamos sempre em casa, para não abandonar o posto e não dar aos Mattia a oportunidade de impedir que voltássemos para lá. Modelávamos bonecos com a massa do pão, que botávamos para secar no peitoril da janela, mas que comíamos, famintas, na manhã seguinte.

Certa noite, Romilda avistou da janela uma mulher com um carrinho de bebê e uma sacola de compras. Contando com a sua solidariedade materna, desceu desabalada para implorar um pedaço de pão, indicando nossos rostos desnutridos. Aquela mãe se comoveu e dividiu conosco sua ração de pão.

Depois de oito de setembro, os alemães se transformaram de repente em ocupantes e esmagaram a cidade com punho de ferro. Sentiam o cheiro da derrota e descontavam em nós a sua frustração, de forma cruel e indiscriminada. Os napolitanos, exauridos pela fome, pelas doenças e pelas bombas, começaram a reagir. Lembro-me do dia em que um jovem marinheiro foi preso, que não tinha outra culpa senão a de ter festejado a notícia do armis-

tício, na esperança de que a paz estivesse chegando. Foi fuzilado nas escadarias da universidade, diante de um povo obrigado pela força a aplaudir. A cidade insurgiu-se espontaneamente, de bairro em bairro, de casa em casa. Não importando a idade ou a classe social, todos lutavam. Os homens dos dezoito aos trinta e cinco anos foram convocados pelos alemães para o serviço de trabalho obrigatório: de trinta mil, apenas cento e cinquenta se apresentaram. A guerra estava declarada. Até os *scugnizzi** entraram em campo e se transformaram nos heróis da revolta. Depois de quatro dias os alemães negociaram com os rebelados, e abandonaram a cidade. Em 1º de outubro de 1943 o general Clark entrava na cidade comandando as tropas aliadas.

O primeiro soldado que vi usava saia: fazia parte das tropas escocesas que desfilaram pelas ruas da cidade entre risadas e piadinhas dos meninos. Os americanos logo começaram a distribuir caramelos, biscoitos e chicletes. Um soldado jogou um chocolate para mim, mas, sem saber o que era, não ousei comer. Levei para casa uma latinha de café solúvel, que entreguei a vovó Luisa. Ela demorou um pouco para entender que bastava acrescentar água quente para transformá-lo numa bebida cujo sabor já tínhamos quase esquecido.

“PINHO SOLITÁRIO...”

Voltamos para nossa casa em Pozzuoli a pé, com Maria, ainda doente, nas costas de tio Mario. Nosso edifício ainda estava de pé, embora muito avariado. Era tempo de recomeçar, com papelão nas janelas e filas no mercado negro. À fome e à sede juntaram-se os piolhos, que nos atormentaram por meses a fio, até que foram debelados graças a uma grande invenção americana,

* Meninos que perambulam pelas ruas. É uma palavra napolitana que passou a fazer parte do idioma italiano. (*N. da T.*)

o DDT. O fim dos piolhos foi para mim um sinal evidente de que a guerra tinha realmente acabado.

Os Aliados começaram a distribuir comida de verdade — inclusive pão branco, que era para nós um verdadeiro luxo —, e pouco a pouco os camponeses voltaram a trabalhar a terra. Mas o frio era de tirar o fôlego. Nesse meio-tempo passamos a somar nove pessoas, com o nascimento de um primo — ficávamos apertadinhos na cozinha, a peça mais quente da casa. E o mundo lá fora ainda dava medo.

Um destacamento de soldados marroquinos tinha ocupado o nosso andar, sob o comando de um oficial francês. Sem o menor respeito, comportavam-se como se estivessem em casa, farreando da manhã à noite. Tão escuros e barulhentos, não eram uma presença tranquilizadora, e de vez em quando batiam à nossa porta, perturbando nosso sono. A lembrança deles reaflorou em mim alguns anos depois no set de *Duas mulheres*, ajudando-me a tornar mais verdadeiro aquele papel tão intenso, tão difícil. Quando descia para ir à escola de manhã, encontrava a entrada cheia de preservativos e, naturalmente, não sabia o que era aquilo. Um dia, peguei um deles, achando que era um balão de encher. Mais uma vez, como no episódio da comunhão, fui mostrar à minha avó, toda exultante com meu pequeno troféu na mão. E mais uma vez entendi que estava clamorosamente enganada. Minha avó não me deixou descer mais. “Nunca mais pegue um balão desses!”, e trocou duas palavrinhas com o oficial francês que daquele dia em diante controlou um pouco mais os seus comandados.

Minha mãe tinha recomeçado a tocar piano numa *trattoria* de paredes azuis bem em frente à nossa casa. Muitas vezes minha irmã, que já estava recuperada, ia junto com ela: “Pinho solitário escute este adeus que o vento vai levar...” Maria era apenas uma menina, mas parecia uma artista madura. Eu assistia admirada e, como sempre, cheia de vergonha, enquanto os soldados ameri-

canos se entusiasmavam e se sentiam em casa. Foi justamente daí que veio a ideia de recebê-los em nossa salinha, nos domingos à tarde, abrindo uma espécie de bar caseiro para faturar algum dinheiro. Vovó Luisa oferecia um conhaque doméstico, misturando álcool comprado no mercado negro com o *strega* de cereja; nossa mãezinha tocava e os militares cantarolavam Frank Sinatra ou Ella Fitzgerald. Quanto a mim, eu carregava garrafas d'água para misturar às bebidas para cima e para baixo e aprendia a dançar o boogie-woogie.

Um desses soldados percebeu a cicatriz em meu queixo e levou-me para o acampamento, onde um médico a fez sumir como num passe de mágica. Não satisfeito, nos mandou de volta para casa num jipe cheio de provisões. Tinham até *stortarielli*, uma massa curta feita de farinha branca. Parecia que estávamos sonhando.

Naquela época, minha mãe tentou me ensinar a tocar piano, que eu gostava muito, mas, quando errava, ela ficava tão furiosa que seus cascudos me provocavam dor de cabeça. Tive de desistir, mas me consolava com o cinema, no cine-teatro Sacchini.

Quando a guerra acabou, os filmes americanos invadiram as salas e quase tive uma indigestão de *Sangue e areia*, perdidamente apaixonada por Tyrone Power e pelos cabelos cor de cobre de Rita Hayworth. Depois foi a vez de *Duelo ao sol*, pelo qual me apaixonei da mesma forma. Solitária como era, me perdia nos olhares lânguidos de Jennifer Jones e Gregory Peck e sonhava em ser como eles. Não era a vida de estrela que me fascinava, mas antes a capacidade que tinham de expressar o que sentiam.

Eu gostava de estudar, mas, com o tempo, meu interesse foi diminuindo. No último ano o boletim estava cheio de notas baixas, vários quatros e três. Para fazer os deveres, esperava que tia Dora, a literata da família, voltasse do trabalho. Chegava tão cansada que muitas vezes dormia entre uma versão do latim e um exercício de verbos. “Tia, *scietete*, acorde!”, sussurrava, meio culpada.

A professora de química me adorava e a de francês, também. Sempre tive facilidade com as línguas, o que muito me ajudou na carreira. Mas ainda não tinha ideia do que faria quando crescesse. No que me diz respeito, seria professora, como queria meu pai. Ou, pelo menos, é do que me lembro.

Voltando a Pozzuoli muitos anos depois, encontrei por acaso um velho caderno de escola em que estava escrito, para meu espanto: “Sofia Scicolone um dia será uma atriz.” É evidente que já intuía, por alguma razão obscura, qual seria o meu futuro. No entanto, quando Maria e eu montávamos nossos espetáculos na cozinha, com vovó Luisa no papel de costureira, nos ajudando a cortar e costurar os figurinos de papel, era minha irmã quem se exibia diante de todos, familiares e vizinhos. Eu ficava num cantinho olhando e tinha vergonha até disso.

Mas as coisas começaram a mudar. Eu estava crescendo e o patinho feio se transformava em cisne. E, sobretudo, amadurecia dentro de mim a vontade, a necessidade quase física de externalizar minhas emoções, de traduzir em gestos e palavras todas as sensações que tinha acumulado e ainda não conseguia interpretar. Queria mergulhar em um mar mais aberto. Pouco importava se não sabia nadar.